



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

IGOR MACIEL DA SILVA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-495

Entrevistado: Igor Maciel da Silva

Nascimento: 06/05/1993

Local da entrevista: CEMEF-EEFFTO-UFMG

Entrevistadora: Christiane Macedo

Data da entrevista: 18/11/14

Transcrição: Gustavo Bernardi

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 33 minutos e 04 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEF); Trabalho no acervo; Organização entre bolsistas; Grupo de estudos; Temática de trabalhos do grupo de estudos e assuntos; Aporte teórico de pesquisa; Fontes que pesquisa; Congressos que participou; Papel do CEMEF na sua trajetória acadêmica; definição do CEMEF.

Belo Horizonte, 18 de novembro de 2014. Entrevista com Igor Maciel da Silva a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiro, muito obrigado por disponibilizar seu tempo. Queria que você começasse contando com que você se envolveu com o CEMEF¹?

I.S. – Então meu nome é Igor Maciel da Silva e eu faço Educação Física na Universidade do Estado de Minas Gerais, no campo Ibitité. Eu conheci duas professoras, a professora Cássia² e a professora Sarah³, que não está mais aqui no CEMEF, agora ela é do departamento de lazer. A Cássia me deu aula de jogos e brincadeiras e ela me convidou para vir para o CEMEF, depois de um convite que a professora Sarah fez para a gente começar a analisar uns jornais, ajudar ela na escrita talvez de um artigo. E nós conseguimos fazer seis artigos dentro disso e aí a Cássia me convidou. Falou: “Igor o que você está precisando agora é buscar referências e ver novas pessoas, conversar, buscar novos projetos, para pegar a maldade acadêmica mesmo”. Ai eu vim para cá, mais ou menos dia 15 ou 20 de junho de 2013, estava no primeiro período e agora estou no quarto. Comecei a me abarcar das referências, das fontes, dos encontros mesmo que tinham. Fiquei um pouco perdido, porque eu cheguei e eram textos difíceis, dentre outras coisas. Mas aconteceu que eu precisei fazer um artigo na disciplina de metodologia, lá na minha faculdade, e o que eu fiz? Busquei todas as referências que estavam em pauta, todos os trabalhos mais usados do Roberto Kanitz⁴, que fala sobre a história dessa escola de educação física, os trabalhos da Cássia, que fala sobre as Jornadas Internacionais da Educação Física, da Giovanna⁵, que ela fala um pouco sobre as praças de esporte e fiz um artigo para entregar na disciplina, mas também para eu começar a entender. Mas foi só para a disciplina mesmo. Depois disso, já no projeto desse ano a Meily⁶, me incluiu junto com a Cássia para pesquisar Gerard Schmidt e a ginástica austríaca, o método natural

¹ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Cássia Danielle Monteiro Dias.

³ Sarah Teixeira Soutto Mayor.

⁴ Roberto Camargo Malcher Kanitz.

⁵ Giovanna Camila da Silva

⁶ Meily Assbu Linhales.

austríaco. E Cássia com coisas do casamento⁷ para fazer e acabou que a gente ficou um pouco sem falar do Gerard e tal. Ela, mesmo trabalhando em casa, mas a gente não chegou a se encontrar para falar do Gerard. Eu li algumas coisas sobre ele, mas muito vago. Nesse meio tempo aconteceu que a Meily me fez uma proposta de transcrever literalmente as fitas⁸ do Lino Castellani Filho. Eu peguei as fitas, li o livro, a obra “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”, *apaixonei*, eu adoro isso por gostar de história e eu falei: “agora eu me encontrei na Educação Física”. Porque até então eu estava meio brochado assim. Eu entrei com o intuito de ser bailarino aqui dentro, mas eu vi que não dava. E eu pensava: “é impossível estudar história em um curso tão pratico”, mas percebi que não. E aí eu transcrevi as fitas, terminei a transcrição não tem nem um mês. Porque o que aconteceu? Eu transcrevi as fitas do Vinicius Ruas⁹ para a Meily e depois eu transcrevi a entrevista da Maria Lenk¹⁰, que foi amor a primeira vista, sou apaixonado por ela. Apesar dos outros, o Vinicius Ruas, o Areno, e o La Torre¹¹ descascarem ela, descascam mesmo assim, coisas muito pesadas. A intenção da Meily é fazer um livro, foi por isso mesmo, com as transcrições na íntegra, porque o livro só pontua umas partezinhas e as fitas têm um material muito rico e muita coisa da história da Educação Física está ali. Entreguei para Meily, mas nesse bafafá de seminário¹² acabou que não deu para trazer o Lino aqui, mas a ideia é trazer o Lino e fazer uma entrevista com ele. Eu estou cheio de perguntas, estou com uma lista já pronta e para fomentar mesmo a obra e atualmente meu projeto do CEMEF tem sido esse. Ainda vai continuar, porque a escrita ainda não acabou, ainda tem a entrevista com ele, a transcrição com ele, agora a Cássia ficou de reconferir as fitas, dentre outras coisas. Mas o que acontece? Em junho eu estava aqui e chegou o professor Cleber¹³, do departamento de lazer, e ofereceu uma bolsa para estudar a história do esporte. O título do projeto é “A história do esporte em Goiás”, mesmo porque ele era docente em Goiás, mas o interesse dele é o triângulo mineiro, porque ele viu que o esporte em Goiás se fomentou das referências do triângulo mineiro. E ele falou que não tinha ninguém, a bolsa estava atrasada tinha seis meses e aí a Maria Cristina¹⁴ falou: “Tem o Igor, mas ele não é

⁷ Preparando o seu casamento.

⁸ Fitas com entrevistas.

⁹ Vinicius Ruas Ferreira da Silva.

¹⁰ Maria Emma Hulga Lenk Zigler.

¹¹ Alberto La Torre de Faria.

¹² O Seminário do CEMEF de 2014 tinha sido realizado na semana anterior.

¹³ Cleber Augusto Gonçalves Dias.

¹⁴ Maria Cristina Rosa.

daqui. Ai ele é da UEMG¹⁵”. Ele viu que podia e eu entrei na bolsa, desde junho estou na bolsa e comecei a dividir a bolsa, a ir para o acervo pesquisar, tirar foto, fotografar, porque lá os arquivos não estão digitalizados, fotografei cerca de umas... deve ter dado quase umas mil e quinhentas fotos, mas reportagem mesmo umas mil no máximo, umas oitocentas pra mil porque o esporte lá era bem legal, notícias muito bacanas e tal do triângulo mineiro. E a intenção dele é ver como é que está o esporte nesse, que ele chama de “sertão do Brasil”, porque ninguém estudou ali ainda. Então acho que a gente está sendo pioneiro nisso. Apesar do esporte nessa região ser bem desenvolvido porque pelo que parece eles buscavam referência em São Paulo, mas isso seria um outro projeto. Eu tenho visto nas fontes que o triângulo mineiro referencia muito São Paulo, mas aí ele falou: “Olha, uma de cada vez, por enquanto eu quero ver a relação de Goiás e o triângulo, depois a gente faz a relação do triangulo e São Paulo”, mas aí seria um mestrado. E daí eu comecei a me organizar da seguinte forma, eu falei: “Olha Cleber, eu estou no CEMEF e não abro mão do CEMEF, porque adoro lazer, história do lazer em si, mas eu entrei foi por ali, foi ali que me receberam e ali eu gosto de estar e não vou abrir mão”. Depois que eu terminei de tirar as fotos e comecei a análise das fontes, agora sim já está caminhando já tem uns dois meses a análise das fotos, eu conversei com ele falei: “De segunda a quinta eu fico em casa e analiso essas fontes, mas com o compromisso de que se surgir demanda no CEMEF de segunda a quinta eu venho aqui”, porque os encontros do CEMEF são nas sextas, e eu participo, “mas eu me comprometo nos finais de semana a transcrever”. Mas ele é super tranquilo e as fontes são muito gostosas e acaba que quando eu estou em casa, eu chego da faculdade uma hora, leio cinco fontes no máximo, porque cansa, a gente fica cansado intelectualmente. Aí eu dou uma pausa, faço as minhas coisas da faculdade e mais a noite eu volto e avalio as fontes novamente. Acaba que eu trabalho mais de quatro horas por dia, mas assim é aquela coisa, tem semana que tem seminário, às vezes, durante a semana tem seminário e eu me organizo vou trabalhar três dias, trabalho muito, e os outros dias eu vou para a atividade. Como aconteceu no seminário da semana passada, mas ele é super tranquilo. E a minha ação no CEMEF foi a das transcrições do Lino e também na organização da exposição¹⁶. Quando começou era eu, Priscila¹⁷, Meily, e a Maria Cristina, mas a Priscila teve que se afastar, porque teve uma proposta de progressão na área, assunto

¹⁵ Universidade do Estado de Minas Gerais.

¹⁶ Exposição: “Adolfo Guilherme: um educador a beira da quadra”.

¹⁷ Priscila Kelly Figueiredo.

dela, ela para fora¹⁸, e ai ficou eu, a Meily, e a Cristina. Acabou que eu fiz os primeiros serviços de rua, de ir no Minas Tênis Clube, fazer os primeiros contatos, buscar certas coisas foi bem legal, adoro isso de intercambiar, bater perna é comigo mesmo e aí eu fui e consegui algumas coisas, outras não consegui, procurei mas não achei. O Adolfo¹⁹ ele tinha um filme que uma TV²⁰ antiga, ela já foi extinta, era a TV Itacolomi, tinha uma entrevista com ele e a gente ficou muito interessado. Porque a ideia era ao invés de passar aquele vídeo que teve na exposição sobre o vôlei, era passar um vídeo da entrevista dele. Mas fui por todos os lugares e não achei. E ai aconteceu que a bolsa entrou logo em seguida e eu comecei a dar uma desacelerada, a Meily também percebeu, Maria Cristina percebeu e acho que ela viu a necessidade de convidar outras pessoas para a comissão da exposição, muitas pessoas entraram e deu certo. Mas no final das contas acabou que a minha ajuda foi bem no inicio, dei uma ajuda, fiz o que eu podia fazer e depois fiquei só na análise mesmo dos documentos que a gente tinha do Adolfo Guilherme, dei um apoio técnico no dia do seminário, mas seminário cada um faz o que pode não é? [RISOS]. E dai agora estou com o seguinte intuito aqui no CEMEF, não quero abrir mão do CEMEF, no semestre que vem eu pretendo desacelerar um pouco, porque esse semestre saiu a bolsa e eu estou tentando transcrever as fitas do Lino. Eu fiz uma disciplina de mestrado em história do lazer em Minas Gerais, participei de mil seminários de gênero, porque eu tive a disciplina de Educação Física escolar e o currículo e ai o meu trabalho foi sobre a Teoria Queer. Na hora que eu vi a Teoria Queer eu falei “Ai, meu Deus! Agora eu vou ter que ir pra uma coisa que me afeta mais”. Ai eu vi que na Faculdade de Direito estava tendo o Primeiro Congresso de Gênero e eu fui, eu vi lá uma mesa da TEORIA Queer e disse: “Vou lá”, não fazia a mínima ideia do que era isso, mas eu comprei o livro da Guacira²¹, comprei o livro da Judith Butler. E li, mas achei assim muito denso pra mim, porque não conhecia nada a respeito, a Judith Buttler é uma leitura muito pesada e a Guacira tinha hora que eu entendia o que ela tava falando e tinha hora que eu não entendia. Fui a esse congresso, depois eu fui a um seminário aqui, de trinta anos de comemoração NEPEM, se não me engano é Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, aqui da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Depois disso apresentei o trabalho de Teoria Queer na faculdade, mas eu me interessei tanto que ao invés de apresentar, eu fiz uma palestra no

¹⁸ Para França.

¹⁹ Adolfo Guilherme.

²⁰ Emissora de Televisão.

²¹ Guacira Lopes Louro.

noturno e no matutino. Eu me travesti, me apresentei, deu super certo. E nas minhas fontes agora, eu comecei a ver a mulher dentro do esporte, a mulher na natação, a mulher não sei aonde, ai eu já conversei com a Meily. A Meily falou: “Igor não deixa de ler a Silvana²², não deixa de ler fulano, ciclano, nanana...”. Ai eu tenho uma coisa com o sul muito forte de paixão mesmo, fala um lugar que você quer ir e eu falo no Sul, até o clima mesmo, gosto de frio. Ai agora eu to com a intenção de tentar um mestrado nessa área, de esporte e gênero. Gênero não, porque eu estudo início do século XX e naquela época não existia essa nomeação. Mas naquela época era esporte para mulher e esse campo feminino do esporte. Eu tenho o interesse sim de pesquisar um esporte, mas eu queria dar o enfoque talvez para as arquibancadas, essa coisa do entorno me interessa muito. Dessa coisa do que aconteceu fora, porque ali é um ambiente esportivo, mas o que acontecia na celebração, porque o espetáculo estava ali, foi da arquibancada que ela foi para o palco, então eu tenho esse interesse e minhas fontes têm dito muitas coisas que talvez me levem a isso. Então sou muito grato por ter conseguido minha bolsa no lazer. Agora conversei com a Meily estou “rabeando”²³ ela um pouquinho assim e vamos ver se ela ou a Maria Cristina se interessam pelo tema. E a que quiser me orientar está bem vinda, mas eu pretendo fazer um aporte com a Silvana, porque eu tenho lido umas coisas dela e tenho ficado, assim, de boca aberta. Então assim, eu tenho vindo para cá sempre. Essa semana estou no curso²⁴. O CEMEF é um lugar que abre portas, mas você não tem coragem de deixar, é um egoísmo sabe? Porque você sabe que, as vezes, a Meily é muito rigorosa, mas isso é bom. Então isso te prende, porque você vê que essa pessoa tem um rigor metodológico. Não é que é o correto, é o dela, mas claro, é correto porque é acadêmico, mas que me atrai muito o rigor dela e as possibilidades que tem também. Por exemplo, do seminário, fazer esse curso com o Francisco, eu até fiquei meio sem graça porque não sou graduado, pensei: “Será que ele vai deixar eu fazer?”, até falei para a Meily “um ouvinte pode fazer?” Ela falou: “Você já fez a inscrição”. Então acho que é um lugar que está de portas abertas e sou muito grato, porque sou de outra universidade e a UFMG pelo que a gente sempre ouviu falar que não estava de portas abertas pra ninguém, mas não é que ela não esteja, mas acho que as pessoas querem vim para cá pelo estrelismo. Eu fiquei um ano como voluntário, pagando passagem

²² Silvana Vilodre Goellner.

²³ Expressão para dizer que está conversando, sondando, se aproximando.

²⁴ Mini Curso “A imprensa enquanto objecto e fonte de investigação – olhares a partir do desporto e do lazer em Portugal” do Professor Francisco Pinheiro, da Universidade de Coimbra, que ocorreu nos dias 17 a 19 de novembro de 2014.

do meu bolso, me envolvendo em projetos, mas assim sem peso nenhum. Porque na hora que tinha que acontecer, aconteceu e aí vou ficar aqui até... é isso.

C.M. – Você trabalhou de alguma forma com os acervos?

I.S. – Sim. A gente fez um mutirão de higienização. Porque os bolsistas aqui eram o Igor²⁵, a Gisele²⁶ e a Laura²⁷. E eles estavam com uma demanda muito grande de organização do acervo e a Meily estava no pós-doutorado dela e uma sugestão do grupo principalmente de dois bolsistas, foi fazer um mutirão, porque estava pesado, não ajudei a higienizar, mas ajudei a numerar e a organizar, mas dentro disso foi oferecido para gente o curso na pró-reitoria e eu fui como manutenção de acervo até a Beloto veio, achei sensacional a Meily até proporcionou o encontro com a orientadora, supervisora dela, supervisora dela do pós doutorado né e foi Luciana e aí foi bem legal. E aí nesse semestre agora eu to querendo assim, eu falei que o máximo que eu vou fazer extra CEMEF e extra iniciação científica e meus interesses no gênero vai ser tentar puxar uma disciplina na arquivologia mesmo assim básica de organização de acervo porque eu intendi que qualquer lugar que eu for agora pra pesquisar isso vai ser primordial pra mim.

C.M. – Qual parte do acervo você chegou a organizar?

I.S. – Foram os cadernos dos professores.

C.M. – Como vocês se organizam entre os bolsistas. Alguém coordena as ações?

I.S. – Têm o Lucas que é orientando da Maria Cristina, mas é monitor da disciplina de história, ele é monitor dela, mas acho que ele faz algumas atribuições aqui também. E tem as meninas, a Thaís²⁸ que é da arquivologia, que está aqui desde que eu entrei no CEMEF, ela era secretária quando eu entrei, aí ela ficou afastada um tempo, poucos meses, poucas semanas e voltou como bolsista. A Gisele quando eu entrei era só bolsista e virou a secretária, quando eu entrei, ela não tinha graduado ainda e acabou graduando ano passado, se não me engano. E a Laura entrou depois. O que eu percebo é mesmo essa rotina deles,

²⁵ Igor Felipe

²⁶ Gisele Oliveira de Almeida.

²⁷ Laura Fonseca.

²⁸ Thaís Nodare de Oliveira.

acho que a Meily que estabelece as coisas para eles e eles mesmos se organizam muito bem. Porque acho que o trabalho do acervo é isso, mas não sei se eles terminaram também de mapear. Porque eu lembro que foi um "boom" o mutirão, e foram uns quinze dias, não mentira, foram vinte e um dias de mutirão, quase um mês. E nesse foi o pessoal do CEMEF inteiro, o grupo inteiro. Só que daí o pessoal começou a brochar e não vinha, aí acabou que eles mesmos deram conta do recado e depois a gente começou a mexer no acervo do Adolfo Guilherme, a gente mapeou quase tudo que tinha sobre ele no acervo e aí a gente deu uma parada. A gente pretende voltar para poder escrever alguma coisa a respeito pra não ficar perdido.

C.M. – Você participa do grupo de estudo também?

I.S. – Toda sexta. De quinze e quinze dias eu venho. O grupo de estudos é de quinze em quinze dias e os outros quinze dias tem outras coisas em pauta, mas o grupo de estudos a gente tem essa regularidade.

C.M. – Tem reuniões de trabalho nesses outros quinze dias?

I.S. – Sim. É assim, pra apresentação de projeto o "CEMEF Convida"²⁹, uma coisa extra, mas nesses intervalos é o "CEMEF Estudos" mesmo. Desde que eu entrei que eu percebo essa política.

C.M. – Quais as temáticas que são tratadas nesse grupo de estudos?

I.S. – Olha, quando eu entrei a gente leu um livro sobre a história cultural, não me lembro o nome. Estudamos um pouco sobre história cultural, discutimos questões sobre capoeira. A gente discutiu muito sociologia. Por exemplo, agora por último a gente leu Hobsbawm³⁰. É, fica entre a história e a sociologia, nunca cheguei a ler coisas da antropologia, ou da filosofia, é mais da história e da sociologia mesmo.

C.M. – Tem textos do pessoal da Educação Física também?

²⁹ Reunião que o CEMEF convida alguém para fazer uma apresentação sobre a sua pesquisa.

³⁰ Eric Hobsbawm.

I.S. – A gente tem a política de quando a pessoa vem apresentar, a pessoa manda o projeto para gente e a gente estuda o projeto, tenta dar uns pitacos, mesmo para dialogar com a pessoa para a pessoa não vir vazia. Mas no ano passado lembro que a Lili³¹ não tinha defendido ainda a dissertação dela e tinha uma temática sobre saúde e história, saúde e sociedade, então vieram pessoas que falavam da saúde pública, mas dentro da história que foi bem interessante, me agradou muito, foi bem legal.

C.M. – Nos seus trabalhos e suas pesquisas com que aporte teórico você tem trabalhado?

I.S. – O Victor Mello³² sobretudo. O próprio Cleber Dias porque ele estuda história do esporte assiduamente e por último eu estudei um artigo muito bom, só não lembro o nome do autor, acho que é Ricardo³³, mas o título é “Comemorando o Brasil” que fala sobre um centenário do Brasil que foi feito um campeonato sul-americano entre o eixo Rio e São Paulo umas confusões que deram. Mas basicamente é isso, o Vitor e o próprio Cleber em si, que é só do esporte, mas para o semestre que vem, eu já sugeri para ele, que a gente comece a estudar alguma coisa como mulher e esporte que é um assunto do meu interesse.

C.M. – E você é trabalha com história cultural?

I.S. – Não. Acaba que meu trabalho é um pouco mais sociológico, mas ele fica entre a história e a sociologia.

C.M. – Você tem utilizado que tipo de fonte?

I.S. – Jornais. Eu estou tentando agora, não digo tentando, mas me organizado para fazer um diálogo entre as fontes que o Cleber tem apresentado e as próprias fontes que o CEMEF tem apresentado também. E para ter uma introdução mais bem elaborada, apresentar um caminho, porque na hora que eu entrar para falar das minhas fontes, vou falar delas, porque vai ser o lugar delas, mas eu tenho tentado cruzar. Mas é um exercício muito primário ainda, mais para eu não esquecer dessas leituras.

³¹ Liliano Tiburcio.

³² Victor Andrade de Mello.

C.M. – Você tem participado de congressos? Quais?

I.S. – Sim. Demais. Esse ano foi o ano dos seminários e dos congressos da minha vida. Da educação física eu já defendi trabalho no CONINTER³⁴, segundo congresso internacional, mas da área da história. Depois eu fui no ENAREL, Encontro Nacional de Recreação e Lazer, que foi em Ouro Preto³⁵, foi muito bom. Depois eu fui no EPHIS, Encontro de Pesquisa em História aqui da FAFICH³⁶, é um seminário. Eu falo que foi o melhor texto que eu já escrevi, eu e a Sarah. Porque não sei se foi por ser um evento da história, mas eu fiz um trabalhão, bem bacana e tenho pretensão de tentar fazer um texto para mandar para o próximo que é um evento anual. Porque acho que dialogar com o pessoal da história para mim é fundamental, pelo meu interesse na história. O CBCE³⁷ que é o Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, o do Sudeste foi agora em Lavras³⁸ que foi bom também, muito bom. Foi regional e eu estou louco para ir no nacional, porque quero conhecer o Valter Brach e a Silvana Goellner agora. E teve um aqui, que foi o de lazer, o Lazer em Debate e mandei trabalho também, mas o meu trabalho não foi aprovado para apresentar, só para entrar para os anais mesmo, mas está ótimo. E tirando educação física, já mandei trabalho para um congresso de gênero da Faculdade de Direito. Fui no Seminário do NEPEM, que falou sobre direito e diversidade etno-racial, sobre minorias em geral. Fui no “1964-2014: 50 anos de ditadura no Brasil”, gosto muito do tema ditadura militar, foi até o pessoal do EPHIS que organizou também o professor Rodrigo Pato aqui da Faculdade de História. Qual mais? Deixa eu pensar, vim no Seminário do CEMEF, que é da casa. Vou fazer uma performance agora no primeiro Seminário Nacional de Diversidade do CEFET³⁹ e vou tentar mandar um trabalho sobre essa minha intervenção na disciplina de educação física escolar, uma experiência mesmo, porque eles abriram portas para qualquer tipo de trabalho nesse sentido de experiência com a área de gênero, como eu não *estudo* gênero, eu só estou orientando os estudos e me mobilizei pra uma apresentação que toca nessa temática da Teoria Queer, eu mandei pra eles e de qualquer forma eu conversei com a organizadora e eu fiz um vídeo para disciplina de educação física e juventude, que a

³³ Ricardo Pinto dos Santos.

³⁴ Congresso Internacional.

³⁵ Cidade de Minas Gerais.

³⁶ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

³⁷ Colégio Brasileiro de Ciências no Esporte.

³⁸ Cidade de Minas Gerais.

³⁹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Laura me pediu para vir dar uma palestra que eu tinha dado na minha instituição, só que eu falei para ela que eu não podia matar aula de fisiologia e aí eu gravei um vídeo. Esse vídeo ela apresentou para disciplina e gostou muito. Eu publiquei esse vídeo no meu face⁴⁰ e eu mostrei para uma das organizadoras do evento e perguntei se eu não podia fazer uma performance lá, porque nesse meu lado artístico, eu estou em falta com ele. Ela topou, então mesmo se meu trabalho não for aprovado, eu vou fazer essa performance. Então vai ser mais um evento. Fui também num evento da Faculdade de Medicina, semana passada, o título era Mesa Trans, tinha um subtítulo e o foco era falar sobre o papel da endocrinologia na transexualidade, o papel do endocrinologista foi com um rapaz que passou pelo processo de transexualização, a transexualidade dele foi pelo SUS, ele deu um depoimento, depoimento muito legal, muito bacana mesmo, foi evento pequeno. Fui numa seção de fotos, “Una-se contra a homofobia” e a ideia eu achei um pouco fraca. Porque era só chegar lá um casalzinho de homossexual dava a mão, podia ficar livre, mas ninguém fazia nada mais do que cruzar o braço ou dar a mão. Aí eu escrevi assim “libertas que serás trans também” e as pessoas acham que eu tenho vontade de ser transexual, de mudar de sexo, essas coisas ou de me transvertilizar, mas só acho que é uma coisa do humano, essas possibilidades de ser mais de uma pessoa. Eu não tenho vontade de mudar de sexo pra isso. Mas meus pais me veem sair de casa de saia hoje em dia e... Depois do congresso de gênero e da disciplina de currículo, eu meio que quebrei minhas amarras mesmo. Eu coloco saia, sem problema algum, como uma roupa e acho super confortável. E eu e minha mãe estamos dividindo o guarda roupa agora. E fui nesses eventos de gênero e de história oral. Depois que eu comecei as transcrições eu achei de extrema importância eu ir em mesas que o pessoal da história oral fazia. Mas assim nada com certificado, nada com compromisso físico, eu ia mesmo por vontade. Eles sabem da minha trajetória, eu contei um pouco para eles, que eu estava transcrevendo umas fitas, mas não tinha experiência com história oral e umas professoras apresentaram um trabalho outro dia, a tese dela, esqueci o título, mas interessantíssimo, uma professora da psicologia que pesquisou a família é das pessoas que sofreram tortura na época da ditadura e também as pessoas que estavam vivas, no caso algumas mulheres, já foram duas coisas num trabalho só, mulheres e história oral. Ela era do Espírito Santo, achei bem interessante porque a gente pensa que nada aconteceu no Espírito Santo, a gente só pensa Minas, São Paulo, Rio de Janeiro. Fiz esse diálogo com eles mesmo para ver a metodologia, que eles trabalhavam e até fiz uma

⁴⁰ Facebook, uma rede social na internet.

crítica à professora, porque ela era da psicologia social. E ela contando das entrevistas dela, ela falou que teve uma mulher que estava contando muito presa ao discurso bonitinho e tal. E aí ela perguntou para a mulher assim: “Aquele cara que foi preso, seu ex-namorado, ele era o amor da sua vida?” Ela deu uma puxada na mulher. Ai ela disse que a entrevista nessa hora é que ficou boa, porque a mulher lembrou de tudo, chorou, e ai eu fiz uma crítica a ela: “Olha eu não entendo muito de história Oral, mas com o trabalho que eu fiz acho que eu comecei a entender um pouco, acho que eu não posso encaixá-lo como História Oral, porque a gente sabe que história oral o negocio é ter o roteiro, você acha que no seu trabalho você não foi psicóloga, além de historiadora?”. Porque ela era psicóloga de formação inteira, falei: “Você como psicóloga acho que você tem essa maldade, às vezes, a sua clinicagem”. Ela ficou meio sem graça, até comentei com a Meily: “Meily, a mulher ficou vermelha, preta, roxa porque acho que eu apertei ela”. Porque se eu fosse psicólogo e tivesse te entrevistando e percebesse talvez uma falha ali, um ato falho eu puxaria, né? E ai eu meio que toquei ela no sentido de perguntar a ela se ela não foi desonesta. Eu falei: “Você não foi desonesta na hora que você perguntou pra mulher se foi o amor da vida dela? Porque você é psicóloga e tal”. Mas ai eu me envolvi nessas temáticas também da história oral e basicamente isso. Na UEMG eu quase não me envolvo em nada, porque não tem um aparato de extensão. Era um instituto do estado e foi estadualizado pela UEMG em um decreto de novembro do ano passado. Então é recente, mas desde que eu entrei o certificado é emitido pela UEMG, que era bancada pelo estado. Mas não tem extensão, vai ter uma semana da UEMG agora, mas nada muito divulgado, até mesmo a intervenção que eu fiz sobre a teoria do Queen lá, os professores custaram liberar os alunos... Eles não tem essa política que eles tem nas universidades federais, de que é um momento de formação extra sala, mas acho que eu estou sendo um introdutor disso lá, que eu tenho feito umas intervenções bem legais.

C.M. – Igor, qual o papel do CEMEF na sua trajetória?

I.S. – Acho que a base. Foi aqui que eu decidi que eu queria ficar na área, porque eu queria muito fazer letras, por amor a Clarice Lispector, mas eu já tinha desistido “não vou fazer letras por conta de um amor a uma escritora”, mas até já pensei em dialogar a Clarice com a educação física. Eu falei: “Gente, o corpo feminino em Clarice Lispector, sabe?” Porque as personagens dela são personagens muito submissas, aos namoradinhos, a vidinha delas,

mas é uma viagem. E dai quando eu entrei pro CEMEF eu falei: “Gente, é isso que eu quero.” E me senti super acolhido. E comentei isso com a Cássia, acho até ruim pensar que eu estou no quarto período, porque aqui eu estou exposto a tantas coisas que me fazem sentir grande, no sentido de leituras pesadas e me dedicar e estar entendendo o que está aqui. Porque eu podia estar aqui sem entender o que está rolando né? Realmente abarcar o que está aqui e, as vezes, eu falo: “Gente, mas eu não sou aluno de pós graduação para talvez estar levando isso aqui tão a sério”. Mas quando eu acordo eu penso: “Eu estou no quarto período, eu tenho que dar conta da minha fisiologia, gostando ou não gostando”. Acho interessante, mas não é minha praia, e daí, assim, acho que o CEMEF foi primordial para minha estadia na Educação Física e para abrir minha porta mesmo, minhas visões. Porque vir para cá é estar na UFMG. Eu passo pela faculdade de Letras, de Filosofia, conheço as pessoas, troco ideias, conheço pesquisas e acho que é um lugar que eu quero estar. Acho que por essa importância também de... não digo político, mas importância de saber quem é fulano, beltrano para eu saber se fulano e beltrano falam a minha língua e para talvez me orientar, porque eu acho que orientação é uma relação de amizade, não é chegar e dizer: “terminei minha graduação lá na UEMG e vou tentar um mestrado na UFMG agora”. Acho que não é assim, pode acontecer, mas acho que o saudável é você ir paquerando. Eu até penso que graduação é igual uma relação, porque quando você entra... você primeiro faz o ensino médio que você está namorando o curso, está paquerando aí quando você entra você namora, quando você forma você casa. Então sempre falo que casei com o CEMEF, desde o dia que eu entrei por afinidade. E as pessoas são pessoas muito voluntárias, assim: “Fulano, estou precisando de um texto”, você chega em casa e a pessoa já mandou para o seu e-mail. A Cristina outro dia pediu um favor para eu ajudar ela a montar uns slides, montei na maior boa vontade. Não tem como falar não, porque a gente aprende a ajudar o outro, aqui não tem essas panelinhas de “meu trabalho que vai se destacar” não. Claro que questão do ego humano, a gente vê em todo lugar, mas ao menos nunca presenciei nenhuma confusão, nenhuma conversa fiada, nada disso. Acho que o interesse de todos é crescer academicamente, mesmo aquelas pessoas que a gente percebe que ainda não tem tema de pesquisa, que ainda estão um pouco perdidas ou querem estar em tudo, tipo eu assim. Mas acho que agora o meu foco está mais claro e acho que o CEMEF vai ser primordial para isso também, para me ajudar a calçar a chuteira e depois fazer um concurso público, mas sem sair daqui.

C.M. – Como você definiria o CEMEF?

I.S. – Para mim é meu retiro espiritual. E acho que não é só eu que falo isso. A Cássia mesmo falou: “Gente o CEMEF para mim é o meu Oasis”. E quando eu comecei a me interar eu falei: “Realmente aqui é um Oasis”. Por exemplo, hoje a minha aula termina onze hora e dez, as minhas coisas da bolsa eu adiantei do final de semana, para estar aqui nesses três dias de curso e eu poderia ter ido em casa e voltado para chegar aqui as cinco, só que falei: “Vou lá no CEMEF, fico lá tranquilo, me acalmo”, mas assim acho que é igual mãe no sentido de te tranquiliza, mas não te deixa de mostrar responsabilidade, sabe aquela coisa que “você pode ficar tranquilo, mas seu negocio está ali, você veio foi pra isso afinal”. Aqui não é a casa da gente, é uma mãezona, mas uma mãezona social.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

I.M. – Não. É só isso. Só manda um beijo pra Silvana.

C.M. – Então é isso, muito obrigada.

FINAL DA ENTREVISTA